Reflexões sobre a carnificina capitalista em curso (Rússia-Ucrânia)

Hacia la Vida

Link:
https://hacialavida.noblogs.org/reflexiones-a-proposito-de-la-carniceria-capitalista-en-curso-rusa-ucrania/

"Assim, fica claro o absurdo de uma luta antifascista que escolheria a guerra como meio de ação. Isso significaria não apenas lutar contra uma opressão selvagem, esmagando os povos sob o peso de um massacre ainda mais selvagem, mas também estender sob uma fórmula diferente o regime que se pretendia suprimir. É ingênuo pensar que um aparato estatal que se tornou poderoso por meio de uma guerra vitoriosa suavizaria a opressão exercida sobre seu próprio povo pelo aparato estatal inimigo; seria ainda mais ingênuo pensar que ele permitiria que uma revolução proletária surgisse entre o povo, aproveitando-se da derrota sem afogá-la ao mesmo tempo em sangue (...) principalmente em caso de guerra, é preciso escolher entre impedir o funcionamento da máquina militar da qual se é uma engrenagem, ou então colaborar com essa máquina ao cegamente cortar vidas humanas".

Simone Weil, *Reflections on War*, 1933.

O atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas - que nada mais são do que suas forças destrutivas - traz consigo eventos que se sucedem, como uma espiral cada vez maior de sua crise generalizada, onde se destacam a crise do trabalho - que se manifesta na expulsão dos seres humanos do próprio processo produtivo -, as devastações ambientais - das quais a pandemia de Covid-19 e as mudanças climáticas são consequências diretas -, os grandes fluxos migratórios, entre outras catástrofes que se tornaram cotidianas. A guerra e o militarismo são inseparáveis dessa dinâmica irracional do capitalismo: hoje estamos diante do que se diz ser a maior mobilização militar desde a Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Federação Russa na Ucrânia, sob a alegada desculpa de enfrentar a "nazificação" e defender a zona separatista de Donbas.

Como se a catástrofe capitalista e as forças da contrarrevolução que ela mobiliza não fossem suficientes, vemos grupos que se dizem anticapitalistas defendendo aberta ou secretamente o avanço e o bombardeio das tropas russas nas cidades ucranianas. Alguns por causa de uma espécie de russofilia relacionada a uma certa nostalgia da URSS, outros porque consideram as forças políticas e militares do Ocidente com as quais a Rússia está se confrontando como a personificação do mal absoluto, e outros porque consideram que a ofensiva russa tem realmente o objetivo de defender a República Popular de Donetsk e a República Popular de Lugansk em Donbas e, portanto, constitui alguma forma de combate ou apoio contra o "fascismo" na Ucrânia. Assim, setores que vão do leninismo-stalinismo ao anarquismo têm sido rápidos em se posicionar a favor de uma invasão militar pelo Estado de uma superpotência mundial e sua classe dominante, descartando o internacionalismo e qualquer perspectiva revolucionária, relativizando as motivações e as consequências sangrentas dessa guerra imperialista. A experiência histórica anticapitalista ilustra que as guerras imperialistas nada mais são do que a maneira pela qual o capital é reestruturado com base em uma disputa bélica entre as diferentes facções da burguesia internacional, em que o proletariado é usado como bucha de canhão, e a consciência de que nenhum Estado jamais mobilizará suas tropas por motivos e interesses que não sejam os de sua classe dominante, são diluídas pela tentação de defender um projeto de autonomia territorial - na forma de uma república, aliás - diante da ofensiva "fascista" que o Estado ucraniano e as milícias neonazistas irregulares estão mantendo contra a região de Donbas. O absurdo dessas posições não resiste à menor análise crítica, nem em sua própria lógica - a motivação antifascista - uma vez confrontada com a realidade, nem em face de uma prática anticapitalista e revolucionária coerente: o desenvolvimento e o resultado da guerra confirmarão isso.

Desde seu surgimento até os dias de hoje, a civilização capitalista estabeleceu seu poder, entre outras coisas, por meio da guerra, que nada mais é do que a continuação da economia por outros meios. Ou seja, uma continuação da competição perpétua entre diferentes facções da burguesia para se apropriar o máximo possível da massa de mais-valia social, que, a propósito, está em constante declínio, devido ao limite interno de acumulação com o qual o capital está colidindo. O conflito bélico tem, em grande medida, incentivado o desenvolvimento e a inovação industrial, o que, por sua vez, possibilitou o desenvolvimento das forças produtivas aplicadas no "progresso" técnico, científico e industrial da máquina militar, com vistas à conquista de recursos naturais,

matérias-primas, regiões, vantagens competitivas em relação a outros Estados e mercados, que permitem a continuidade da reprodução cada vez maior do capital e do poder da classe capitalista. Se o capital é, acima de tudo, uma forma de organização social que coloca a humanidade e tudo o que existe na Terra à mercê da exploração desenfreada com o único objetivo de impulsionar a economia e perpetuar a classe dominante cujo poder depende disso, então as guerras não têm outro objetivo senão perpetuar essa forma específica de reprodução e sua consequente dominação social. Assim, as facções do capital que se confrontam para obter essa base material a fim de garantir sua posição mais ou menos hegemônica na dominação capitalista devem garantir esse poder no plano militar.

No caso desse conflito, essa dinâmica é particularmente ilustrativa: a invasão da Ucrânia é um movimento estratégico do imperialismo russo diante do avanço do bloco ocidental OTAN-EUA. Nas últimas décadas, o desenvolvimento tecnológico e científico da indústria de armamentos possibilitou o desenvolvimento de armas hipersônicas que poderiam, entre outras coisas, ter o alcance da energia atômica. Isso significa que o Estado que alcançar a supremacia nessa área de desenvolvimento tecnológico terá garantida a supremacia na área militar, pois poderá eliminar a infraestrutura crítica da potência inimiga e imobilizar sua capacidade de resposta em um curto período de tempo, Isso supera o esquema militar de "*Destruição Mútua Assegurada*" (MAD), que prevaleceu e garantiu uma paz relativa entre as potências imperialistas durante a Guerra Fria, com base no poder equilibrado de destruição atômica da época. Assim, a possível entrada da Ucrânia no bloco militar da OTAN e a subsequente instalação de armas em seu território colocam em risco a "segurança" da esfera de influência da Rússia: esse é o verdadeiro motivo imediato do conflito.
Da mesma forma, a Rússia não pretende prolongar a ocupação territorial e militar da Ucrânia, mas sim, por meio de invasão, impor à força a "neutralidade" do Estado ucraniano em relação à OTAN, impedindo-o de se juntar a essa coalizão. Para isso, a Rússia negociará um acordo com a Ucrânia e, se necessário, derrubará a atual administração e criará um governo fantoche para seguir os ditames do Kremlin.

Enquanto Putin e o Estado russo alegam o caráter supostamente humanitário de sua invasão, assegurando que estão protegendo as vidas dos separatistas de Donbas, os líderes da UE choram lágrimas de crocodilo pelos civis que estão sendo massacrados

nos combates - já fugindo de suas casas às centenas de milhares - mas, na realidade, estão assustados com a ideia de uma guerra que criará um ponto sem retorno, prejudicando seus negócios e sua dependência energética. A verdade não se encontra nas declarações públicas de nenhuma das potências envolvidas, mas no movimento de suas forças materiais - econômicas, políticas, militares - que formam a base real desse conflito.

Defesa antifascista da guerra imperialista

Como é sabido, as duas repúblicas autoproclamadas da região de Donbas, Donetsk e Lugansk, estão sob cerco do exército e das milícias ucranianas há 8 anos, desde a derrubada do governo pró-russo após a Euromaidan. O caráter pró-OTAN do governo ucraniano desde 2014 e, em particular, a presença de fascistas em suas forças armadas e a existência de bandos armados irregulares de neonazistas que se tornaram visíveis nos protestos do Euromaidan e depois na guerra no Donbas, além do caráter "autônomo" e "popular" das regiões separatistas, mobilizaram o apoio de certos setores da esquerda internacional. Várias milícias são formadas por voluntários antifascistas, marxistas-leninistas e anarquistas. Mas é principalmente o que é considerado por muitos como uma luta contra o fascismo que mobiliza a maioria dessas simpatias. No entanto, o que está acontecendo na área controlada pelos separatistas é muito mais complexo e diferente do que muitos pensam ver.

A verdade é que não são apenas os antifascistas e os esquerdistas que estão lutando contra a Ucrânia na defesa do Donbas. [1]As milícias que lutam e lutaram em defesa da autonomia dessa região abrangem todo o espectro político, incluindo voluntários de ideologias antagônicas às das milícias antifascistas, como alguns grupos da extrema direita russa, por exemplo, o Movimento Imperial Russo e os neonazistas da Unidade Nacional Russa - entre muitos outros - que enviaram combatentes desde o início do conflito. É claro que os grupos que lutam pela autonomia do Donbas são heterogêneos, pois suas motivações vão desde a defesa da experiência da república autônoma, a proteção dos habitantes da região que sofrem agressões constantes de Kiev, certas formas de nacionalismo pró-russo, etc, Mas, mesmo sem a necessidade de uma análise

[1] Consulte: "Anti-fascism and the far right: comrades-in-arms in the Donbas" (Antifascismo e extrema direita: companheiros de armas no Donbas): https://politikon.es/2014/11/14/antifascismo-y-extrema-derecha-companeros-de-armas-en-el-donbass/

exaustiva da composição política da frente de defesa do Donbas, fica claro que ela está longe de ser uma frente unitária e essencialmente antifascista - com todos os limites que essa perspectiva possui: defesa da democracia e do Estado, apoio a uma burguesia liberal, interclassismo etc. -. É claro que isso não significa, de forma alguma, que a região de Donbas não esteja passando por uma crise humanitária devido aos constantes ataques do exército ucraniano e de outras forças irregulares.

[2]Por outro lado, a "forma" República representa uma possibilidade de emancipação social das relações sociais capitalistas? Pode um Estado, como o russo, garantir a autonomia territorial em uma região que ele usa hoje como justificativa para iniciar uma guerra imperialista? Se o que está em jogo é a defesa da vida dos seres humanos que vivem no Donbas contra os crimes do Estado ucraniano e de seus aliados, como é possível que o ataque de uma superpotência a cidades onde vivem civis, e a crise que isso significa para milhões de pessoas em território ucraniano, não represente para aqueles que têm essa perspectiva uma barbárie semelhante, um agravamento considerável da miséria humana em meio à guerra entre as potências econômicas, entre as diferentes facções do capital?

Além disso, os crimes perpetrados por um Estado e por milícias neonazistas selvagens não transformam automaticamente toda a população que vive na Ucrânia em criminosos, nem os transformam automaticamente em neonazistas. Somente alguém cego pela ideologia poderia afirmar que os seres humanos que vivem sob o domínio de uma classe dominante e de seu Estado são meras extensões dessa classe dominante e desse Estado. A relativização ou a simples omissão de alguns setores da esquerda e do antifascismo em relação a esses últimos é terrível. A irracionalidade e o desprezo pela vida humana que a lógica capitalista gera permeia até mesmo aqueles que afirmam se opor aos efeitos dessa socialização doentia. Mesmo que queiramos pensar que a classe dominante na Ucrânia é um reflexo de seus habitantes, ou que queiramos acreditar que "na Ucrânia são todos nazistas", como afirma estupidamente a propaganda pró-russa, essa mistificação cai por terra assim que tentamos entender sua origem: os movimentos de extrema direita e neonazistas que de fato existem na Ucrânia e, em particular, o

[2] Mesmo a aplicação da estratégia leninista do "direito de autodeterminação das nações" não resiste a qualquer análise; no início do século XX, quando os regimes de algumas colônias ainda não haviam desintegrado completamente as relações comunais, ela já era denunciada como contrarrevolucionária por camaradas como Rosa Luxemburgo e as várias esquerdas comunistas: "*eles não fizeram nada além de emprestar à burguesia de todos os países vizinhos o melhor dos pretextos, e até mesmo a bandeira para suas aspirações contrarrevolucionárias*". Hoje, um século depois, essa proposta prova ser uma desculpa e uma bandeira para o imperialismo da Federação Russa. Por outro lado, o conceito de povo para se referir à população de um país não tem sentido diante de uma sociedade dividida em classes em escala mundial.

Batalhão Azov, um agrupamento que fez seu nome em 2014 combatendo as milícias da República Popular de Donetsk, que mais tarde se tornou parte da Guarda Civil Ucraniana, e que hoje tem centenas de membros ativos. Esse último contribuiu para a caracterização dos governos pós-Euromaidan como "neonazistas", uma caracterização para a qual a propaganda russa contribuiu muito. [3]Mas, embora seja verdade que a democracia é onde diferentes facções políticas da burguesia contestam a gestão do capital por meio do Estado, também é verdade que, durante as últimas eleições presidenciais na Ucrânia em 2019, o Svoboda - "Liberdade" -, o partido que concentra a adesão do eleitorado de extrema direita, obteve apenas 1,62% dos votos. Isso deve ser suficiente para questionar a caracterização, de outra forma bastante imprecisa, da Ucrânia como uma nação "nazista" ou de "extrema direita", especialmente no que diz respeito à sua população civil.

Desde o início da guerra, ouvimos e lemos declarações do tipo "tudo é útil na luta contra o fascismo", que justificam a invasão da Rússia ou a relativizam. Mesmo que, como nos dizem, a luta contra o fascismo tenha como objetivo evitar o advento da barbárie e possibilitar o espaço para a emancipação social, como é que o fortalecimento político, econômico e militar de uma potência capitalista - em detrimento de outra - poderia nos trazer algo diferente do que se pretende evitar? O que nos faz pensar que uma facção da burguesia em um período de crise vai garantir um grau de barbárie menor do que o de seus adversários ideológicos? [4]O fascismo implementou, pelas mãos de Hitler, Franco ou Mussolini, as medidas que o capital exigiu deles em seu tempo, que não eram fundamentalmente diferentes daquelas que Stalin impôs ao proletariado em diferentes territórios. Se, mais uma vez, a tese do antifascismo é impraticável em abstrato, querer revivê-la 100 anos depois prova ser completamente anacrônico. [5]Para os revolucionários, e particularmente para os anarquistas, a trágica experiência na Espanha em 1936 deveria ser suficiente para fazê-los não ter ilusões sobre o antifascismo, que nada mais é do que a defesa de formas democráticas de gestão capitalista, a conciliação entre as classes, a opção pelo "mal menor" e o abandono do horizonte revolucionário.

De tudo o que foi dito sobre a dinâmica capitalista e as guerras que ela engendra, e também das observações no terreno em que esse conflito específico está se

---

[3] Ele defende o antissemitismo, o estabelecimento de um único idioma nacional, o militarismo, o etnocentrismo, o cripto-racismo, a homofobia, o anti-aborto e a nacionalização de empresas.

[4] Estado hipercentralizado, aparato repressivo onipresente, conservadorismo de valores, chauvinismo, militarização do trabalho, campos de concentração, perseguição de dissidentes, etc.

[5] Nesse sentido, recomendamos: "Fascism / Antifascism", de Gilles Dauvé; "Summary of Amadeo Bordiga's Theses on Fascism in 1921-1922", de Agustín Guillamón.

desenrolando, é difícil ver como qualquer possibilidade de emancipação social pode surgir em meio a uma carnificina que está sendo canalizada precisamente para perpetuar a dominação de um dos blocos em disputa, o que não significa outra coisa senão a intensificação da dominação capitalista, da ditadura da economia sobre todos os seres vivos. E isso dificilmente pode ser refutado: duas guerras mundiais, o genocídio e o desaparecimento de povos inteiros, a destruição psíquica dos indivíduos sob sua dominação e a destruição da biosfera já demonstraram que a burguesia internacional já fez sua escolha há muito tempo e que não hesitará em continuar a expandir suas forças destrutivas a pontos inimagináveis para manter sua máquina produtiva funcionando, sabendo que o "bolo" está ficando cada vez menor e está sendo dividido em cada vez menos partes. Essa guerra imperialista não trará nada além de uma reestruturação capitalista global em meio a uma crise cada vez mais profunda. Portanto, aqueles que defendem um lado nessa guerra estão, apesar de suas intenções, apenas se posicionando do lado da defesa da ordem existente.

Crise de consciência e conscientização da crise

As diferentes fases do desenvolvimento capitalista engendram suas próprias formas de socialização e, com isso, os limites correspondentes de sua consciência. Na gênese do movimento dos trabalhadores, as guerras imperialistas encontraram oposição consciente de algumas seções mobilizadas do proletariado. O estado rudimentar da sociedade capitalista naquela época, em contraste com a atividade desenvolvida pelo proletariado pelo menos meio século antes, permitiu o surgimento de um internacionalismo precoce para lutar contra a guerra e o capital. A consciência da necessidade de uma perspectiva internacional e a conclusão de que isso só pode ser afirmado pela oposição à totalidade das forças burguesas envolvidas na guerra é a premissa lógica para um movimento de emancipação global. Foi nesse contexto que as seções mais consistentes do proletariado em 1914 se opuseram à guerra imperialista - apesar da tendência chauvinista e chauvinista da maioria - com o slogan do derrotismo revolucionário: derrotar todas as facções de sua própria burguesia em seu próprio território. No entanto, essa posição só foi repetida por milhares de proletários mobilizados nas frentes de batalha, já que a guerra se tornou um fardo insuportável para as condições de vida da classe trabalhadora

em geral. [6]No atual conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia, embora possa não ter resultados imediatos o apelo ao derrotismo revolucionário, é importante destacar a perspectiva internacionalista, acima de tudo, por causa da realização de ciclos de revolta em todo o mundo que foram vivenciados nos últimos anos: a crise de consciência é tragicamente revelada como a consciência da crise.

Hoje, entretanto, as condições materiais mudaram e acrescentam uma multiplicidade de elementos a serem levados em consideração. Nesse contexto, estamos testemunhando a proliferação e a intensificação de velhas tendências nacionalistas e reacionárias: os ataques xenófobos no norte da região chilena, o surgimento de novos nacionalismos e até mesmo o conservadorismo do islamismo radical são sintomas disso. Esse desenvolvimento tem uma dinâmica paradoxal, pois quanto mais o capital, que é a base empírica do Estado-nação, entra em crise, mais as tendências conservadoras são exacerbadas como resposta a essa crise, como formas de preservar à força uma normalidade que está desmoronando por todos os lados. Com motivações diferentes, a exacerbação de tendências reacionárias que culpam "bodes expiatórios" pela degradação de nossa existência expressa uma crítica superficial, parcial e truncada do sistema, um terreno fértil para as manobras de um neopopulismo que se mostra "rebelde" e "refratário". Infelizmente, essa visão fragmentada também atinge os revolucionários. Mesmo assim, o desenvolvimento do capital, a reestruturação da relação capital/trabalho e o aprofundamento das relações baseadas em mercadorias como um sistema social global e interdependente criaram e exigem uma nova base para a necessidade de uma comunidade humana liberada das mediações que mantêm sua dominação: o Estado e o capital.

O que eles chamam de reordenamento "geopolítico" nada mais é do que a velha disputa interburguesa, agravada pela profunda crise de valorização que vem nos atingindo desde

---

[6] Apesar do exposto, é necessário que as minorias revolucionárias denunciem abertamente a guerra imperialista, diante de tanta desorientação e seguidismo programático burguês em que a esquerda, mas também setores do anarquismo, caem diante de conflitos bélicos como este. A agitação e a propaganda para o derrotismo revolucionário, a sabotagem e a deserção, embora não sejam imediatamente eficazes, são necessárias como perspectiva revolucionária. Nesse sentido, recomendamos a leitura dos seguintes textos, entre muitos outros: "Algumas posições fundamentais do internacionalismo proletário", do grupo Barbaria (https://barbaria.net/2022/02/26/algunas-posiciones-fundamentales-del-internacionalismo-proletario/); "Proletários na Rússia e na Ucrânia! Na frente de produção e na frente militar... Camaradas!", de Třídní Válka (https://www.autistici.org/tridnivalka/proletarios-en-rusia-y-en-ucrania-en-el-frente-de-produccion-y-en-el-frente-militar-camaradas/); "A guerra começou", de KRAS-AIT (https://www.iwa-ait.org/es/content/kras-ait-contra-la-guerra).

2008. A barbárie capitalista está presente desde seus primórdios e, em sua evolução, ultrapassou vários limites à custa do sangue e da miséria do proletariado: hoje vemos como ela continua tentando superar sua contradição fundamental acelerando as transformações do modo de produção capitalista e reorganizando os capitais dominantes pela força das armas, o que só pode aprofundar a crise - literalmente aniquilando o excedente populacional, expulsando o trabalho humano do processo de produção e destruindo a terra na tentativa de se valorizar. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia é uma consequência direta dessa crise, que força o capital e seus Estados às já clássicas disputas por recursos, mercados e territórios, mas com uma capacidade destrutiva de um alcance nunca antes visto: a corrida armamentista atesta isso. A confusão que ela gera entre os setores radicais não pode ser ignorada, e é por isso que é necessário defender os princípios revolucionários, apontando a natureza da guerra no contexto atual e a decomposição social nessa área geográfica desde a queda da URSS. [7]O proletariado está apenas levantando a cabeça após a última derrota que sofreu depois do ciclo de lutas 60-70 e expressa que as necessidades materiais de nossa existência não apenas não podem mais ser resolvidas pelas relações sociais capitalistas, mas que estas estabeleceram *o risco de extinção*. Estamos, portanto, em uma situação histórica qualitativamente diferente, onde não há nada parecido com a antiga classe trabalhadora e seu movimento internacional organizado: temos que assumir de uma vez por todas que essas condições não voltarão. As promessas de segurança e bem-estar que o capitalismo propagandeou durante décadas estão desaparecendo por toda parte e, em seu lugar, espreita o estado de exceção permanente e uma degradação crescente e sem precedentes de nossas condições de vida. No entanto, são as próprias condições impostas pela dissolução dessas antigas formas de socialização e pela crise do capital que criaram a base para um novo tipo de internacionalismo: Ao colocar o mundo inteiro na mesma situação catastrófica, a crise estrutural que estamos sofrendo nos empurra para a aliança entre os explorados do mundo como uma resposta necessária à crise, à devastação do planeta e à constante ameaça de guerra, a única solução realista contra a destruição imposta pela irracionalidade capitalista e seu efeito sobre os seres humanos que sofrem com sua socialização. Está ficando cada vez mais claro que há apenas duas opções: comunidade humana internacional ou apocalipse capitalista.

[7] Consulte: Camatte, Jacques (2021) *Instauración del riesgo de extinción*. Santiago: Vamos hacia la vida.

Estamos nos movendo em direção à vida, março de 2022